



UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES

CURSO DE TEATRO

HABITAR A CIDADE

relatos sobre o eu, o outro, o corpo, o sonho, o espaço, a rua

ANDREW COSTA, MARIANA BALLARDIN E SAMUEL
MACDOWELL

Exercícios de atuação: Performatividade

Rio de Janeiro

2016

Habitar a cidade

“Corpos são vias, meios. Essas vias e meios são as maneiras como o corpo é capaz de afetar e de ser afetado. O corpo é definido pelos afetos que é capaz de gerar, gerir, receber e trocar.”

Eleonora Fabião

Recordando as aulas e revisitando as conversas com a turma para iniciar a discussão neste papel, uma coisa não me sai da cabeça: “eu também não sei o que é isso. Nunca dei esse curso. Vamos descobrir juntos.” Acho que não foram exatamente essas as palavras da nossa professora, bailarina, coreógrafa, provocadora, artista Esther Weitzman – certamente não foram – mas isso ficou, marcou e pontuou nossos dias a partir dali.

Não foi uma tentativa de reinventar a roda, claro que não. Entretanto, havia, sim, uma “ingenuidade”, uma ausência de certezas, uma interrogação naqueles corpos. Tentativas, tentativas, perguntas. Partimos sempre das perguntas em busca de outras perguntas. Questões que deveriam mover os corpos. O que é, afinal, PERFORMANCE? Estamos fazendo performance? Quais são as regras? O que limita, o que delimita, o que pode, o que não pode? Não tínhamos a pretensão nem a intenção de responder, teorizar ou concluir qualquer sentença. Estávamos ali para problematizar qualquer possibilidade nossa de entendimento. Jogamos, experimentamos, movimentamos, arriscamos, surpreendemos e fragilizamos: o corpo, o eu, o chão, a rua, a relação, a intenção, o transporte, o destino, o ambiente, a natureza, a utilidade, o concreto, a areia, o balão, a função, a corda, o banco, o(s) outro(s).

Rua, metrô, praça, praia, ônibus, largo da carioca. Todas as nossas saídas para aqueles espaços geravam reflexões e relações diferentes com essa cidade. Experimentávamos novas formas de (inter)agir naquele ambiente na tentativa de criar estranhamento e alterar essa “utilidade”, esse funcionamento padrão e as dinâmicas já estabelecidas e não questionadas. Inventamos nossas possibilidades de habitar aqueles espaços e de sermos habitados por eles.

Compartilhar a disciplina de Exercícios de atuação: performatividade, ministrado pela Esther Weitzman, no ano de 2015 na Universidade Candido Mendes, foi um acontecimento único e completamente distinto para cada um dos *performers* presentes. E para cada uma das pessoas que passaram por nós – arrisco dizer. E foram várias. A cada dia de experimento, os *performers* levavam os objetos que gostariam de testar naquele espaço que incluía, principalmente, os passantes. Desde pá de jardim, banquinho de plástico, bexiga, corda e canga, a tinta, câmera fotográfica, brownie, doce de leite e música.

Nessas páginas que seguem, relatamos eu – Mariana Ballardin -, Andrew Costa e Samuel MacDowell, momentos importantes deste trajeto. Algumas palavras que tentam informar ou evocar imagens desses quatro meses tão reveladores para nós.

Jantando com Diogo¹

Como inverter o olhar? Como ser objeto de atenção e curiosidade das pessoas que compartilhavam o espaço público conosco sem invadir a privacidade alheia? Como gerar movimento sem ser desagradável? Nossas ocupações e intervenções eram sempre no espaço público. Queríamos sair da sala fechada, do lugar seguro. Mas estar na rua provocava uma preocupação no grupo: não ser um peso para os que passavam por nós. O objetivo era modificar o espaço de forma positiva, sem gerar desconfortos ou constrangimentos.

Uma ideia que me veio à cabeça foi fazermos um jantar no meio da calçada. Mesa, bancos, pratos, talheres, taças, vinho, frango, arroz, farofa, vestidos longos e uma ópera italiana. Todos muito bem arrumados, sentados na Visconde de Pirajá, comendo. Houve um desfile silencioso. Apenas a ópera soava alto. Montamos a mesa, a comida, a bebida e sentamos. Um jogo estava estabelecido. Muitos olhares inevitavelmente voltavam-se pra aqueles quinze jovens, que agiam de forma muito

¹ Este relato é de autoria de Mariana Ballardin

peculiar.

A experiência foi interessante, mas percebemos que a cidade em si quase não tinha sido capturada para dentro do nosso jogo. Faltava algo. Praticamente ignoramos os transeuntes, os carros, os sons. Abrimos uma porta para um universo, mas ninguém – além de nós – havia entrado lá. Houve, então, um desejo de se reviver esse jantar, mas dessa vez sem comida, sem glamour na vestimenta e em silêncio.

Algumas coisas marcaram aquele dia. Uma delas foi o Diogo: um menino que sempre ficava com sua mãe e seus irmãos na rua. Ele quis adentrar por nossa porta. Diogo se aproximou de nós e perguntou qualquer coisa sobre o que estávamos fazendo ali. Não poderíamos responder, afinal, o silêncio era um trato. Não demorou mais do que dois minutos e aquele menino de seus nove anos sentou-se conosco à mesa e entrou na nossa brincadeira - séria. Ele não sabe o que é viewpoints nem nunca leu nada sobre Performance Art e nem sabe quem é Abramovic ou Cohen ou Bonfitto. Mas foi um grande performer naquela noite.

O Diogo assumiu o risco de sentar à mesa com desconhecidos no meio da Visconde de Pirajá. Presença, escuta, atenção, risco – muitos dos conceitos discutidos por nós em sala de aula estavam presentes no corpo do Diogo. Alguém resolveu trocar de lugar com outra pessoa do outro lado da mesa. Isso iniciou um grande movimento de trocas de lugares. Sentávamos e levantávamos mudando intermitentemente de assento. Ele aceitava o que era proposto e acompanhava o ritmo das mudanças de cena. Em outro momento, um jogo de telefone sem fio foi iniciado. Diogo nunca saía porta afora, não duvidava ou questionava o que ele ou alguém fazia, não criticava, não tinha medo. Terminada a intervenção, Diogo não queria que fôssemos embora e chorou porque desejava mais daquilo. Queria mais daquela brincadeira – séria. Queria entrar por outras portas. Foi um momento que só pode acontecer porque estávamos ali na rua, abertos às possibilidades e aos riscos. Assim como o Diogo.

Naquela noite, nós não fomos só obra, objeto de observação ou provocadores de uma interação. Fizemos parte daquele chão, daquele espaço. Alguém

voluntariamente entrou nessa “viagem”, nessa paragem incomum para um ambiente já delimitado por sua mera função de passagem. Foi como abrir a porta, entrar em outra realidade e não ser só observado pela fechadura. Dessa vez não foi assim. Abrimos a porta. Alguém fechava às vezes. Outros batiam e saíam correndo. Outros fingiam não vê-la, apesar de grande e colorida. Diogo deu uma leve batida, entrou e não quis sair - foi propositor naquela interação. A relação com aquele menino não partiu de nós. Pela primeira vez me senti parte da cidade enquanto artista em uma intervenção. Pela primeira vez me senti escolhida e acolhida com meu grupo para compartilhar com a Cidade uma das nossas brincadeiras – sérias. Naquele momento, o jantar teve um sentido muito claro para mim. Éramos, sim, parte da Cidade. Nós e ele, Diogo. Todos integrados – todos autores – todos obra – todos cidade.

Compartilha-se sonho²

Com intuito de abordar nossos sonhos, a performance chamada "Compartilha-se sonho" aconteceu na entrada/saída da estação de metrô Carioca, tendo como proposta estabelecer algum tipo de relação entre o ator/performer em ação e um outro – ator/performer ou não - que naquele lugar estivesse e se sentisse estimulado a participar. Quando entravam em relação, ambos deveriam compartilhar pelo menos um de seus sonhos com o outro. O que aconteceria posteriormente não havia sido pré definido.

Iniciei a performance me posicionando contra a multidão, às 19 horas, horário de fluxo intenso, quando a maioria das pessoas se direcionava para a entrada da estação. Eu me coloquei parado no meio do caminho, encarando-os com uma mala ao lado - que guardava um doce de padaria chamado "sonho".

A grande maioria das pessoas nem mesmo notou minha presença, pois estava focada em seguir para seus respectivos destinos. Alguns poucos olhavam,

² Este relato é de autoria de Andrew Costa

observavam com estranhamento, mas sem desviar de suas caminhadas. Em dado momento, uma moça decidiu aproximar-se para descobrir do que se tratava aquela circunstância: "Compartilhe um sonho seu comigo e eu compartilho um sonho meu contigo."

Os que paravam, embarcavam na proposta. Comprar uma casa para a mãe; viajar para o Egito; aprender a tocar saxofone. Contavam-me seus sonhos antigos e seus sonhos frustrados. Compartilhavam sonhos que até já haviam esquecido. Em retribuição, eu compartilhava também o meu sonho. Ou um pedaço dele. Recheado com doce de leite.

Durante uma hora, das milhares de pessoas que entraram naquela estação, três moças, um grupo de três amigos e um rapaz se permitiram sair do cotidiano e se abriram para o que poderia acontecer. A performance não tinha grandes pretensões. Não havia nenhuma necessidade de significado nesse compartilhamento de sonhos. Havia um sentido. Depois de abraços e choros, o que aconteceu foi algo fora do controle de qualquer um: com uma mordida no doce, alguns sonhos ganharam combustível.

Na semana seguinte, houve a intenção de mais uma vez experimentar a performance. Desta vez, sem a mala, com o sonho sendo exposto em um prato e tudo acontecendo em um espaço amplo e aberto: o Largo da Carioca.

Neste novo lugar, as pessoas apresentaram maior aderência às propostas. Três pessoas que a princípio não tinham vontade de se expor, acabaram contando suas histórias e sonhos. O intuito de um participante, inicialmente, foi apenas comer o doce que estava no prato. Depois, contaram-me seus sonhos. Diogo, morador de rua por volta dos seus 25 anos foi o que mais marcou. "Eu queria muito sair da rua." Disse olhando fixamente o doce de leite escorrendo no prato. Decidiu que não iria compartilhar apenas um, mas vários sonhos. Afinal, ainda restavam algumas mordidas para o doce acabar. Continuou: "parar com as drogas", "trocar de lugar com o irmão assassinado" e "uma vida melhor".

Peguei-me pensando quais eram os meus sonhos. Sempre soube que não eram poucos. Depois daqueles dois dias muito intensos, depois de compartilhar os últimos pedaços do doce comigo mesmo, resolvi me contar um sonho: que os de Diogo se tornassem realidade. Ficarei na torcida.

Quebra da lógica de mercado³

Durante as aulas do curso Exercícios de atuação: performatividade, no segundo semestre de 2015, uma das performances realizadas visava colocar em questão a lógica mercadológica. A ação ocorreu no espaço do metrô. Eu e mais dois *performers* entramos nos vagões com uma bandeja contendo um saboroso brownie e, durante um trajeto de uma estação à outra, falamos o seguinte texto em voz alta: “Se nós estivéssemos vendendo este brownie, vocês o comparariam? Pois hoje estamos dando o brownie. E isso não é uma ação mercadológica, nem de cunho religioso e tão pouco uma pegadinha. Estamos dando-o simplesmente pelo desejo de compartilhar algo. Porém, todos nós aprendemos que não se deve aceitar comida de estranhos. Então, o risco é de vocês”.

O intuito não era de afirmar, mas de problematizar a questão do “dar pelo dar”. Algo que na organização da cidade não faz sentido e que, quando acontece, é porque, possivelmente, algo obscuro se encontra por trás como tentativas de golpes, roubo ou abusos sexuais. Se o brownie estivesse à venda, seria mais aceitável comê-lo. Entre estranhos, não há troca afetiva, apenas mercadológica.

O fato é que no espaço do vagão havia pouca interação social. Acredito que a grande maioria estava fechada para a possibilidade de novas relações afetivas. Então, a performance deu início. O que aconteceu foi que, de forma geral, os passageiros não aceitaram o brownie. Contudo, pode-se afirmar que o espaço foi modificado. Vários

³ Este relato é de autoria de Samuel MacDowell

passageiros passaram a se relacionar uns com os outros, pessoas com as quais antes não havia relação alguma. Talvez pela incredulidade, pela curiosidade, pela surpresa, pelo inusitado do acontecimento. O espaço, que antes não passava de um transporte, foi ampliado para possibilidades que não se encerram numa palavra e que fogem à lógica de funcionamento urbano.

Considerações finais

A revisão de uma lógica de funcionamento, sentidos e significados do espaço urbano foi a questão problematizada durante o curso de Exercícios de atuação: performatividade. A investigação do espaço *cidade* provocou-nos reflexões sobre sua organização, leis e suas necessidades. A cidade é um espaço virtual e seu modo de operar não provém unicamente de uma necessidade de sobrevivência. Muitas interferências que a constituem são aceitas sem nenhuma reflexão anterior e tornam-se verdades absolutas para a maioria dos indivíduos. Tomemos como exemplo um grafite no muro. Para muitos, isso corresponde a uma ação de vandalismo, destruição, que deveria ser proibida. Entretanto, quantos já dedicaram seu tempo para se colocarem diante de um grafite, estabelecerem uma relação com essa obra e realmente concluírem alguma ideia substancial a respeito? Existe a experiência ou a reprodução de determinações anteriores que apenas permanecem definindo as relações desse espaço? Onde está o nosso olhar diante da vida?

Poderíamos nos debruçar sobre inúmeros outros exemplos. Por que as ruas são retas e por que os prédios organizam-se em quadras? Em diversas comunidades não regulamentadas, a organização espacial dá-se de outra forma. Nossa opinião a respeito dos acontecimentos que nos cercam provém de uma experiência sensorial ou é apenas uma reprodução de um pensamento herdado há muitos anos?

A forma como pensamos trabalho, a forma como pensamos lazer, como

pensamos a arte ou até mesmo como pensamos na hora de nos alimentar – tudo deveria ser pensado, recriado, atualizado, reorganizado, compreendido novamente a cada momento.

Dispondo-nos a repensar diversas lógicas já determinadas e encaminhadas para o melhor funcionamento da cidade, montamos uma mesa de jantar no meio da rua, demos comida a estranhos, fomos pintados por eles, conversamos e comemos com eles, abraçamos, ouvimos, brincamos com pessoas que não conhecíamos. Colocamo-nos diante de um *fazer teatral* que não almejava um público comum aos teatros, familiar às artes. Buscamos romper as diferenças e os limites entre performer – obra – receptor – ambiente – finalidade.

Estávamos em busca de *encontros e acidentes*:

Muitos acidentes que poderiam se tornar encontro não chegam a cumprir o seu potencial porque, quando despontam, são tão precipitadamente decifrados, anexados àquilo que já sabemos e às respostas que já temos, que a nossa existência segue sem abalo na sua cinética infinita. Não os notamos como inquietação, como oportunidade para reformular perguntas, como ocasião para refundar modos de operar. Com o pressuposto de que é primeiro preciso saber para depois agir, raramente paramos para (RE)PARAR no acidente. Mal ele nos apanha, tendemos a bloquear a sua manifestação ainda precária e insipiente. Recuamos com o corpo e avançamos com o olhar, que julga apenas constatar objetivamente o que lá está, ou com o ver, que parte da premissa de que há um sentido por detrás das coisas a ser interpretado subjetivamente. Num ou noutro caso, chega-se cedo demais com o saber, lei ou ponto de vista. Um no plural. Ambos manipulação. Ambos versões de uma mesma cisão entre sujeito e objeto a repartir por decreto o que pode e o que não pode cada um desses entes, a setorizar no sujeito de modo unilateral toda a capacidade de agencia e de produção de sentido. Assim como todo direito de legislar sobre o objeto para fins de diagnóstico, controle, classificação, pacificação de espírito, etc, tornando-o objeto. O acidente é, também, cancelado na sua inclinação e potência de afetação, cabendo, à força, numa certeza ou num achar. E, assim, se vai existindo, achando antes de se encontrar. Sendo essa a lógica dominante a operar no nosso cotidiano, a do desespero e não a da espera, a da urgência e não a da emergência, a da certeza e não a da confiança, um acidente só é

experimentado como tal se tiver a força de uma catástrofe. Se for tão desproporcional em sua diferença, na sua discrepância em relação a nossa expectativa e aos nossos instrumentos de decifração e interpretação, a ponto de se antecipar e se sobrepor ao decreto de objetivação, levando-nos, num só fôlego, de sujeito aujeitados. Então, não o conseguimos ignorar nem o domesticar e ele, simplesmente, cai-nos em cima. Mas, o que é trágico, é que, mesmo esse acidente- catástrofe tão pouco tende a ser vivido como encontro, já que a cisão entre sujeito e objeto preserva-se. Apenas se invertem os seus sinais.⁴

A partir das palavras sensíveis de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio, entendemos que este trabalho foi especialmente um movimento de *parar e reparar*. Colocamo-nos diante da cidade para vivenciar estes *acidentes*, agindo na contramão do caos estéril em que se vive rotineira e repetitivamente.

Listar os pequenos *encontros* não é o que de mais relevante permanece desse curso ou dessas páginas. A experiência escapa às nossas linhas e fica a memória e o desejo de poder, amiúde, questionar o absolutismo do movimento contínuo e incessante deste espaço virtual: a cidade.

⁴ Fonte: Secalharidade. Conferência-performance de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio disponível em vimeo.com/47006267